



## **A zona de conforto e os limites do Planeta Terra: *outsiders* do desempenho\***

### **The comfort zone and the limits of Planet Earth: outsiders of performance**

DOI: 10.20873-rpvn9v1-24

Simã Catarina de Lima Pinto

**E-mail:** simacatarina@gmail.com

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0913-7639>

#### **Resumo**

Este ensaio apresenta, inicialmente, a racionalidade neoliberal e suas imposições de produtividade, desempenho, alta performance e de excessivos níveis de consumismo que ultrapassam os limites do Planeta Terra. O frenesi na busca constante pelo sucesso individual e suas implicações contrastam com as capacidades regenerativas do meio ambiente. Esse contraste permite que se associem aqui a busca pelo sucesso individual e as questões ambientais e sociais mais urgentes. A partir dessa relação entre uma racionalidade neoliberal, que incita indivíduos à busca incessante por sucesso, e a emergência do colapso ambiental, bem como a situação de indivíduos que se encontram à margem de proteção social, é possível aqui chamar de *outsiders* do desempenho aqueles indivíduos que renunciaram às expectativas sociais de sucesso em meio a intensos níveis de degradação ambiental e de adoecimentos psíquicos, mas também aqueles que se encontram em extrema vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo, é possível chamar de *insiders* aqueles indivíduos que se assujeitam como empresários de si mesmos sem maiores questionamentos num mundo que colapsa.

#### **Palavras chave**

Produtividade, Desempenho; Sucesso; Fracasso; Colapso Ambiental.

#### **Abstract**

This essay initially presents neoliberal rationality and its impositions of productivity, performance, high performance and excessive levels of consumption that exceed the limits of Planet Earth. The frenzy in the constant search for individual success and its implications contrast with the regenerative capabilities of the environment. This contrast allows you to associate here the search for individual success and the most pressing environmental and social issues. Based on this relationship between a neoliberal rationality, which incites

---

\* Este ensaio foi parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

individuals to the incessant search for success, and the emergence of environmental collapse, as well as the situation of individuals who find themselves on the margins of social protection, it is possible here to call performance outsiders those individuals who have renounced social expectations of success amid intense levels of environmental surrender and psychological illness, but also those who are in extreme social vulnerability. At the same time, it is possible to call insiders those individuals who accept themselves as entrepreneurs without further questioning in a world that is collapsing.

### **Keywords**

Productivity, Performance; Success; Failure, Environmental Collapse.

### **Introdução**

Comportamentos e estilos de vida padronizados compõem a prescrição do que, atualmente, é considerado sinônimo de sucesso. A repetição de expressões utilizadas no meio corporativo como desempenho e alta performance reflete padrões que são seguidos por aqueles que se propõem a cumprir a cartilha neoliberal do empresário de si mesmo, tal como Michel Foucault havia tratado em 1979. É nesse cenário que comportamentos desviantes podem significar não apenas a desobediência a determinadas regras e condutas que fogem a esses chavões contemporâneos, mas, para além disso, podem até mesmo comprometer a sobrevivência e as chances de se conseguir emprego por aqueles que se recusam a seguir a cartilha neoliberal das expressões, condutas, diretrizes e autoafirmações padronizadas.

Em Howard Becker (2008), o termo *outsider* define aquele que se desvia das regras criadas e impostas por grupos. Pode dizer respeito também àqueles que impõem as regras do grupo, na percepção de quem supostamente as deveria cumprir, isto é, aqueles que não as cumprem também compreendem como *outsiders* aqueles que as impuseram. Isso significa que *outsiders* é, como o próprio autor coloca, o termo usado “para designar aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo” (BECKER, 2008, p. 29).

No entanto, num contexto predominantemente caracterizado pelo culto ao desempenho e à alta performance, o significado de *outsiders* é aqui adotado de modo mais abrangente, podendo ser todos aqueles que produzem aquém ou de forma insuficiente em relação à demanda que lhes é apresentada. Pode também ser aquele que se recusa a agir de acordo com padrões corporativos impostos nos modos de viver a vida profissional ou mesmo a vida pessoal.

Com isso, o *outsider* é aquele que recusa ou renuncia ao ideal de sucesso e se mantém numa posição que pode ser considerada medíocre ou mesmo invisível para os atuais padrões de comportamento performático e de consumo. Seria uma reserva em meio a uma inflação de egos que se colocam como líderes na exibição de si mesmos, de suas supostas qualidades e êxitos. Ele adere a uma oposição divergente às cartilhas que prescrevem sucesso e exibicionismo numa sociedade cuja busca pelo desempenho é incessante e excessivamente valorizada. O *outsider*, lido dessa forma mais abrangente, será tratado na última seção do ensaio.

O contrário do *outsider* é o sujeito que observa não somente as regras do grupo, mas pensa e age sobretudo conforme a racionalidade neoliberal que invariavelmente o atravessa e pode provocá-lo à resistência, é o empresário de si mesmo em Foucault, aquele que administra a própria vida como se fosse uma empresa. O empresário de si mesmo foucaultiano poderia ser pensado como um *insider*, uma espécie de contracategoria do *outsider*. Com isso, o círculo social do *insider*, aquele indivíduo sujeitado ao desempenho, é formado por relações sociais e pessoais que podem lhe trazer algum valor para seus desejos concorrenciais, na medida em que ele é ao mesmo tempo aquele que concorre em termos de sucesso profissional com os demais e aquele que demonstra esse sucesso por meio da ostentação de bens materiais e o consumo de serviços que lhe favorece o reconhecimento por seu sucesso pessoal e financeiro.

Trata-se de um sujeito que reflete o homem da empresa, mas também diz respeito a um sujeito que, a partir da ideia que ele tem de si mesmo, acredita necessitar performar, exibir ou mesmo aparentar sucesso. Tal como uma fachada, o enaltecimento de si mesmo é constantemente evidenciado por meio de competências profissionais, capacidade de consumo e de experiências de quem assume publicamente ser bem sucedido. A fabricação do orgulho ostentado é uma das formas pelas quais ele se assujeita como indivíduo de sucesso em meio a um mundo que sucumbe em guerras, fome, mortes, catástrofes e crimes ambientais. Na sociedade do desempenho, sucesso e fracasso, na compreensão desse sujeito, é uma linha bem delimitada pela qual ele mede a si mesmo e os outros em suas relações concorrenciais.

Entre o *outsider* e o *insider* (empresário de si mesmo) num mundo que colapsa, poder-se-ia pensar em categorias situadas em zonas cinzentas, isto é, categorias de indivíduos em

constante processo de subjetivação e dessubjetivação neoliberal. De uma ponta à outra, excessos e escassez formam os mais diversos modos de (não) existir. De um lado, imensas populações marginalizadas, segregadas e refugiadas em um mundo que explode em seus corpos, matando ou deixando-os à margem de qualquer pretensão de vida digna. Essas populações se localizam por todo o mundo, mas exemplos recentes podem ser vistos na Palestina, nas populações em situação de rua, nos massacres indígenas em territórios que estão em processo de demarcação no Brasil, nos atingidos e ameaçados por barragens de mineração de grandes corporações, nas vítimas de racismo ambiental e de violência policial etc. E do outro lado, os bem sucedidos do mundo, aqueles cujo mundo gira e colapsa em torno deles mesmos, mas que dificilmente os atinge tão diretamente. Enquanto no primeiro caso o colapso político e ambiental lhes determina o direito de morrer, no segundo caso, lhes é determinado o direito de viver em bolhas de privilégio e altos níveis de consumo.

### **A transferência de responsabilidades públicas para a esfera individual**

Foucault, em seu curso pioneiro sobre neoliberalismo, ministrado em 1978 e 1979, afirma que seu problema estratégico é ampliar os princípios formais de uma economia de mercado à generalidade de um corpo social. Isto é, “saber até que ponto e em que medida os princípios formais de uma economia de mercado podiam indexar uma arte geral de governar” (FOUCAULT, 2008, p. 181), de maneira que não se trate mais de um dirigismo da economia de mercado pelo Estado, mas de uma introjeção dos princípios do mercado por todo o tecido social, ou, como colocou o autor, o neoliberalismo vai se situar “sob o signo de uma vigilância, de uma atividade, de uma intervenção permanente” (Foucault, 2008, p. 182). Thomas Lemke (2017, p. 21-22) aponta que o neoliberalismo “vincula a racionalidade governamental à ação racional dos indivíduos” que “foca em uma liberdade artificial e arranjada: a conduta empresarial de indivíduos econômico-rationais”.

Embora o termo tenha sido cunhado em meados de 1939, é no pós-guerra que a organização efetiva de estratégias neoliberais se inicia. Mas é com a mutação sofrida pelo capitalismo desde a década de 1970, no intuito de “favorecer a financeirização das empresas” e

“o nascimento do capital imaterial” (DUNKER, 2020, p. 181), bem como pela “maior influência dos mercados sobre as políticas econômicas” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 196), que essas estratégias se intensificam. Nesse período, houve um aumento da flexibilidade do mercado de trabalho e a consequente “transferência de riscos e insegurança para trabalhadores e suas famílias” (STANDING, 2020, p. 15).

É nesse cenário de progressiva diminuição de políticas públicas voltadas ao bem estar social que trabalhadores flexibilizados e precarizados passaram a transformar “suas posses, tempo, conexões e eus em fontes de capitalização” (BROWN, 2019, p. 50). Isso comporta todo um aparato performático direcionado ao autodesempenho. No meio social, a legitimação do avanço do aniquilamento de políticas públicas voltadas às populações se fez por meio da “demonização do social e do político”, no “descrédito do bem público pela razão neoliberal” (BROWN, 2019, p. 15), para citar alguns exemplos. Isso incluiu profundas alterações do trabalho, o que pode ser observado por Antunes (2011, p. 39), segundo o qual trabalhadores e trabalhadoras sofreram “inúmeras mutações e metamorfoses”, decorrentes de um intenso processo de

privatização, desregulamentação, fluxo livre de capitais, financeirização, terceirização e precarização do trabalho, desemprego estrutural, trabalho temporário, parcial, aumento da miserabilidade, todas essas prerrogativas da barbárie neoliberal e de sua reestruturação produtiva passaram a caracterizar o cotidiano do mundo do trabalho. (ANTUNES, 2011, p. 39).

Essas alterações que se deram de uma forma generalizada ocasionaram consequências individuais na vida profissional dos indivíduos, de modo que “o capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro” (SENNET, 2011 p. 9). Para que isso fosse possível, recaiu sobre o trabalho uma gama de transformações e de demandas por “renovações” advindas do ambiente corporativo. Para a livre fluidez das empresas, um poder produtivo se ajustou e passou a constituir práticas organizacionais direcionadas, ao alcance de *metas* “como medição cotidiana da produção”, bem como de “definições de competências” por parte dos “colaboradores”, os quais “tornaram-se o

ideário e a pragmática empresarial da empresa flexível vigente no mundo financeiro” (ANTUNES, 2015, p. 10).

É nesse contexto, com a moralização do esforço pessoal e um repertório que incita trabalhadores a saírem de suas supostas zonas de conforto, associados à valorização do mercado em detrimento de políticas públicas voltadas ao bem estar das populações, em que se apoia a constante flexibilização e precarização do trabalho, que a noção de fracasso como um tabu vem sendo difundida de forma pessoalizada. Isto é, transfere-se aos indivíduos a responsabilidade de poderes públicos de prover acesso ao trabalho, à renda e a serviços públicos de qualidade. Com isso, as responsabilidades são individualizadas e personalizadas, ao recair única e exclusivamente sobre os indivíduos em suas esferas privadas, no campo de suas capacidades, talentos e de seus traços psicológicos. Caso eles não atinjam, por si mesmos, a ascensão social, suas habilidades são colocadas em questão e passam a ser valorizadas somente sob a condição de que se alcance o que se entende por sucesso. Este, por sua vez, está relacionado à noção de empresário de si mesmo.

Com a demonização do social e do político, nasce uma “uma sociedade empresarial” na qual o sujeito se reconhece antes como empresário de si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 201). Isso significa organizar a sociedade a partir de um novo modelo que é o “das relações sociais, um modelo da existência, uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família” (FOUCAULT, 2008, p. 332) voltado à concorrência. Esses núcleos familiares individuais são, antes de tudo, empresariais por meio dos quais há todo um investimento pessoal voltado ao sucesso de cada um dos membros familiares na sua concorrência em relação aos demais núcleos familiares. Nada mais individualizado do que a propalação de uma tradicional família bem sucedida colocada em constante comparação com as demais.

Como colocam Dardot e Laval (2016, p. 323), há uma nova subjetividade fundada na competitividade com base na qual o indivíduo assume inteira responsabilidade por seu próprio fracasso: “ele quer ser ‘bem-sucedido’, assim como pelo modo como deve ser ‘guiado’, ‘estimulado’, ‘formado’, ‘empoderado’ (*empowered*) para cumprir seus ‘objetivos’”. Para Hilário

(2020, p. 189), “o trabalhador flexível é aquele que pode ser adaptado a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. Essa resiliência, para usar um vocábulo da ordem do dia, é a matéria-prima dessa subjetividade necessária ao capitalismo neoliberal”. Sua sobrevivência depende de sua capacidade de adaptação e de flexibilidade constantes para “ceder em seus pontos de vista, caso contrário será enviado para o exército industrial de reserva como mais um desempregado”.

Nesse aspecto, o sucesso almejado passa a se relacionar a “um civismo puramente privado, de uma política fora da cidadania, em que cada indivíduo deve assumir as responsabilidades que a ação pública é doravante incapaz de assumir” (EHRENBERG, p. 16, 2010). Isso torna possível a difusão de discursos neutros sobre questões que, a despeito de afetarem a coletividade, passam a ser meras consequências de opções individuais, formas de mentalidade específicas e homogêneas adotadas por indivíduos a fim de alcançar objetivos particulares, sem qualquer relação com o meio ou com as ações políticas que o afetam.

Fabrica-se, por conseguinte, um sujeito que se aparta de seu contexto político e de sua história de vida, como num descolamento de sua própria realidade. Ele acredita que para ser bem sucedido não é preciso se posicionar politicamente, ou introduzir em seus discursos circunstâncias que lhe atravessam como membro de um coletivo de pessoas. Seu sucesso pressupõe uma postura em si mesmo não apenas deslocada, mas flutuante, acima de seu passado e desvinculada das circunstâncias nas quais ele se insere. Nesse sentido,

o homem que tem sucesso é, em primeiro lugar, o que, sem raízes e sem passado, fabrica para si mesmo uma genealogia ao inverso: sua própria história é a única que importa; de onde ele vem é, por sua vez, sem importância; em segundo, o que é, para si mesmo, seu próprio princípio já que representa apenas a si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p. 53-54).

A ascensão social, com isso, passa a ser definida no quanto de individualidade e visibilidade uma única pessoa é capaz de alcançar, sem que a relação com quaisquer outros aspectos de seu entorno seja considerada. Nesse sentido, o sujeito, considerado de sucesso, acredita que sua situação se relaciona predominantemente às suas características pessoais e a seu esforço individual. Outros aspectos como a relação de afetividade com a família em que

nasceu e cresceu, pessoas com quem conviveu e se relacionou, bairro onde morou, oportunidades que lhe foram oferecidas, acesso à educação, alimentação adequada, experiências vividas e uma infinidade de elementos e circunstâncias que lhe constituem são colocadas num segundo plano ou mesmo desconsideradas a fim de que se acredite, e ele acredita, que é um exemplo de sucesso e mérito pessoal.

Por conseguinte, essa estratégia se vale de um discurso pessoal cuja intenção é elevar a individualidade à sua máxima potência, pois combina a performance de sucesso a partir de padrões de vida, de consumo, de discurso e de concorrência entre seus pares, o que pressupõe a individualização de seu esforço e de suas competências. Dito de outro modo, trata-se não apenas de performar sucesso em termos de produtividade de trabalho e de desempenho, mas de ilustrar o resultado dessa performance por meio do consumo de experiências, bens e serviços dentro de uma lógica que é também concorrencial, razão pela qual não basta obter esses bens e serviços, mas sobretudo ostentá-los. Para cumprir a cartilha neoliberal, o sucesso, portanto, precisa ser acompanhado de altos níveis de consumo.

### **O sucesso individual e os limites do planeta Terra**

No entanto, esse comportamento individual, baseado numa ideia de autenticidade e garra pessoal, em oposição a uma ideia de fracasso, é generalizado e naturalizado. Os pressupostos do fracasso são evitados e utilizados para fins de categorização de pessoas. Com isso, indivíduos considerados fracassados são invisibilizados ou têm sua importância, enquanto pessoas, minimizada, sem que sequer se considere o fracasso como circunstância inerentemente humana quando não interpretado ou vivenciado sob paradigmas neoliberais. Nesse aspecto, Ailton Krenak (2020, p. 73) fala a respeito de “pessoas que não estão engajadas no consumo planetário”, porque não se tornaram consumidoras frequentes, e, portanto, ficaram fora “desse balaio civilizatório”. Pode-se entender que essas pessoas, por necessidade ou por opção, não puderam ou não quiseram fazer parte da corrida por desempenho e consumo, podem ser também consideradas *outsiders*.



O sucesso se relaciona diretamente à alta performance e, por consequência, à busca incessante por desempenho. Essa lógica faz com que o sucesso traga também a competição e altos níveis de consumo, numa perspectiva limitada da existência humana, na medida em que, como pontuou Krenak (2020, p. 61), existe um desejo de que a “condição de consumo da vida se estenda por tempo indeterminado”, como se não houvesse limites na natureza para suportar os níveis humanos de consumo. O imediatismo que sustenta o sucesso ignora a capacidade planetária de suportar o que ele provoca; suas crises ambientais, políticas e sociais. A noção de cidadania do sujeito de sucesso é descolada da coletividade e dos limites que o planeta tem para suportar suas vontades e vaidades.

Dito de outro modo, a sociedade do desempenho, que sucede a sociedade de consumo, mas herda desta última o fetiche por bens, mas também por serviços, não se restringe à limitação da existência humana sob perversas exigências de trabalho e consumo, mas ela se compõem também de uma degradação ambiental inédita na história da humanidade, o que culminou recentemente com a maior crise sanitária dos últimos 100 anos, causada pelo vírus SARS-CoV-2. É o que afirma Gibb *et al.* (2020), citados por Joly e Queiroz (2020, p. 71), segundo os quais “mudanças globais no modo e na intensidade de uso da terra estão criando interfaces perigosas em expansão entre pessoas, animais e reservatórios de vida selvagem de doenças zoonóticas”. Latour (2021), ao se referir ao confinamento imposto pela pandemia que se iniciou em 2020, aponta que esse contexto prefigurou uma situação nova da qual não se podia mais sair, já que os terrestres estavam todos confinados no mesmo planeta e ainda que não se soubesse se de fato a pandemia os faria ganhar certa “consciência planetária” (e, pode-se dizer agora, não fez), fato é que ninguém sabia “como se safar permanentemente” (LATOURE, 2021, p. 60).

Ao mesmo tempo, “a dependência da acumulação de dinheiro, objetos e experiências” mantém continuamente uma “epidemia consumista que devora o meio ambiente e devasta a mente” (RIBEIRO, 2022, p. 18). Dito de outro modo, elevados níveis de produtividade, desempenho e consumo fazem com que “uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela” seja naturalizada (KRENAK, 2020, p. 80). O simplismo binário do

sucesso versus fracasso que propõe que cada indivíduo, por sua própria capacidade e competência, saia de uma suposta zona de conforto anda de par com certa incapacidade de pensar e agir para além de jargões corporativos e suas práticas individualistas, a fim de evitar o colapso da humanidade. Para além das grandes corporações poluidoras com imensos impactos sociais e ambientais estão as incessantes demandas individuais por acesso ilimitado e irrestrito a todo e qualquer tipo de bem e serviço oferecido.

Em Krenak (2020), pode-se perceber a relação entre a infinitude do desejo e a finitude do planeta com a proposta de desacelerar o uso de recursos naturais para sugerir o adiamento do fim do mundo, embora em muitas partes do mundo esse fim já tenha acontecido. É o que pode ser encontrado também em Mbembe (2020), num texto no qual ele afirma que “a Covid-19 é expressão espetacular do impasse planetário no qual a humanidade se encontra” num “tempo caracterizado por uma desigual redistribuição da vulnerabilidade e por novos e ruinosos compromissos com formas de violência tão futuristas quanto arcaicas”. Como observa Latour (2020, p. 55), o confinamento traria a reconsideração das noções de fronteira: “perdemos a estranha ideia de que poderíamos escapar de qualquer limite”, de modo que “de um lado, a liberdade é constrangida pelo confinamento, mas de outro, finalmente nos livramos do infinito”.

No entanto, passado o auge da pandemia e o gradativo esquecimento do número de mortos, bem como o longo período de confinamento e as posteriores evidências de que não houve aprendizado com a emergência global, o desejo de maximizar a produção individual e o aumento da capacidade de consumo na sociedade do desempenho permanecem sendo levados às últimas consequências. Nessa lógica, como colocado por Han (2021, p. 14), “a coação de produção leva à coação do desempenho”. Do mesmo modo, Krenak (2020) observa que a busca incessante por produção, desempenho e “progresso” leva ao desmatamento e à destruição de ecossistemas por uma racionalidade corporativa pautada na ideia individualista de sustentabilidade que continua consumindo o planeta. Toda essa “evolução” é composta pela lógica competitiva por meio da qual corporações, Estados e indivíduos agem como incapazes de diminuir a progressiva degradação ambiental tanto pelas grandes corporações e instituições

quanto pelos próprios indivíduos. Esse processo se dá sem que se questione atentamente para o que de fato se tem feito ou sem que se aprenda a conviver com o incômodo de não ter tudo à disposição e sem que se pretenda avançar para além de uma produtividade individualista e ignorante às urgências ambientais.

Mbembe (2020) lembra, no entanto, que “a humanidade e a biosfera estão ligadas. Uma não tem futuro sem a outra”. Mas para o homem da empresa, o empresário de si mesmo, a palavra futuro só faz sentido quando ela se refere aos interesses mais imediatos de produtividade, desempenho e competição, todos eles voltados à sua própria individualidade na qual o futuro (coletivo) não significa nada. Sem que se considerem os limites do planeta no qual se vive coletivamente, o desempenho pressupõe a centralidade do eu, de modo que, nas palavras de Han (2021, p. 14) “o eu se refere especialmente a si mesmo”. Toma-se, com isso, o objeto por quem o produz; isto é, há uma intensificação do eu sobre o que ele deveria produzir, o que o leva a produzir a si mesmo, levando-se a um esgotamento. A exaustão, no entanto, não é apenas a do sujeito que desempenha sucesso incessante, mas a exaustão de um planeta que há tempos já dá sinais de esgotamento de seus recursos.

Mas a retórica da ascensão social é insistente. A ela, pouco importa se o planeta suporta seus direcionamentos de desempenho e consumo desenfreados. Seu interesse é na ausência de limites, seu foco é na liberdade de performance e no sucesso individual, os quais todos deveriam ir em busca. Isso significa que, embora seja um fenômeno de massa, ele é predominantemente individualizado, na medida em que ser bem sucedido guarda relação com a “ambição massificada de hoje, integrada na experiência da vida cotidiana” que se refere ao indivíduo que se destaca singularmente da massa anônima (EHRENBERG, 2010, p. 54-55).

Essa distinção se refere a indivíduos que se destacam da massa em razão de serem altamente produtivos, os *insiders*. Sua performance individual os leva ao sucesso em relação à massa de indivíduos que não conseguiram se distinguir ou em relação àqueles que renunciaram a padrões de produtividade, os *outsiders*. Esses últimos se distinguem tanto do indivíduo de sucesso, quanto dos demais que compram o discurso e buscam sua própria adequação a esses moldes. Os *outsiders* que, por vontade própria ou por uma condição pessoal e social que lhes

tornam indiferentes a toda agitação da busca pelo desempenho, se negam ao assujeitamento de uma agenda sufocante de consumo e desempenho.

### ***Outsiders* do desempenho**

Como mencionado anteriormente, o conceito de *outsider* em Becker (2008, p. 28) pressupõe não alguns tipos específicos de comportamento, mas diz respeito ao “produto de um processo que envolve reações de outras pessoas ao comportamento”, para, então, ele ser considerado desviante. Só se pode saber se um determinado ato ou conduta é considerado desviante “até que a reação dos outros tenha ocorrido”. O desvio, portanto, só é assim considerado a partir da “interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele”. (BECKER, 2008, p. 29).

Neste ensaio, no entanto, o desvio a ser considerado se dá com base na reação tanto daqueles que não querem ou não podem se adequar a padrões de desempenho, produtividade e consumo quanto por aqueles que se adequam a eles, isto é os *insiders*. Ao contrário do sentido original do termo dado por Becker, segundo o qual o *outsider* é tanto aquele desviante de regras de um grupo quanto aquele que dita as regras do grupo pelo olhar do desviante, aqui aqueles que seguem e se adequam às regras e práticas do grupo são considerados *insiders*, sujeitos normalizados dentro da cartilha neoliberal e, portanto, subjetivados nessa lógica.

Em oposição e resistência aos discursos e padrões conhecidos como de sucesso, os *outsiders* não apenas reconhecem sua condição de estarem constantemente sujeitos a falhas e fracassos, bem como reconhecem seus defeitos inconfessáveis. Eles renunciam à performance dos vencedores, dos “gênios” do financeirismo predatório. Tal como o sujeito presente no *Poema em linha reta* de Fernando Pessoa, eles declaram seus vícios tanto no âmbito privado quanto no âmbito público, sem tentarem fazer parecer outros personagens para além daquilo que efetivamente conseguem ser. Sem se preocuparem com sua falta de coragem e zelo ou pela excessiva timidez ou introspecção, sua inaptidão em socializarem seus embaraços sociais, deixam transbordar suas falhas para além de sua vida privada e declaram sua insubmissão às

convenções sociais, sem qualquer afetação no modo de existirem e se resignam diante dos olhares dos outros que lhes cercam, como nos seguintes trechos:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cómico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo. (PESSOA, 1944)

Esse indivíduo que se afasta até mesmo das convenções e hábitos sociais mais comuns e renuncia a qualquer afetação social que lhe conforte dentro de algum grupo traduz uma resistência generalizada não apenas à difundida performance do sucesso, mas, de um modo ainda mais elementar, ele se nega a cumprir quaisquer regras convencionadas. Afasta-se radicalmente de todo e qualquer indício do indivíduo que desempenha sucesso, que se mostra sempre impecável, supostamente genial ou convenientemente excêntrico, o *insider*. Ele é o contraste da performance pautada na ostentação virtual narcisista de aspectos da vida pessoal e profissional, associada à positividade e leveza em relação à vida.

Como observa Han (2015, p. 14), na sociedade de desempenho, o poder deve ser ilimitado, sob a afirmação de que tudo se pode obter e fazer a partir de uma lógica de positividade. Em Fernando Pessoa, no entanto, percebe-se certa aversão às pessoas que jamais reconheceriam seus defeitos em público, jamais declarariam a precariedade de sua própria existência e a dissimulação de uma performatividade perfeita. Ao contrário do herói contemporâneo que performa sucesso, disciplina, aprimoramento pessoal, desempenho e toda

sorte de características que remetem a um vocabulário corporativo, nota-se, em Pessoa, uma resignação diante de seus próprios vícios e defeitos.

Seu poema, interpretado hoje, depois de aproximadamente um século de quando foi escrito, mais parece uma irônica resistência à cartilha neoliberal que produz um indivíduo completamente voltado ao desenvolvimento pessoal individualista, eivado por um vocabulário padrão, que enaltece comportamentos heroicos por meio do que Ehrenberg (2010, p. 13) chamou de “verborreia de *challenges*, desafios, performances, de dinamismo e outras atitudes conquistadoras”, já que “a ação de empreender é eleita como um instrumento de um heroísmo generalizado”. Um certo modo de resistir à afetação de indivíduos que não demonstram ou apresentam em público qualquer defeito, qualquer erro ou ato falho que não possa ser corrigido por eles mesmos, por meio de sua resiliência e atitude individual, numa espécie de “teatralização de si mesmo” (EHRENBURG, 2010, p. 13). A atualidade de seu poema sugere uma saturação ao discurso neoliberal ao reafirmar seu comportamento não apenas errante e claudicante, mas vil, sem pudores de dizer o que se é num mundo onde todos são heróis:

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
 Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
 Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...  
 Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
 Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
 Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
 Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
 Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
 Ó príncipes, meus irmãos,  
 Arre, estou farto de semideuses!  
 Onde é que há gente no mundo?  
 Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?  
 Poderão as mulheres não os terem amado,  
 Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!  
 E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
 Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
 Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,  
 Vil no sentido mesquinho e infame da vileza. (PESSOA, 1944).

Um sujeito que sucumbiu à expectativa de realizar desde as tarefas mais cotidianas e básicas da vida privada e que renunciou à expectativa de realização de grandes feitos no âmbito público, demonstrando até mesmo sua incapacidade ou seu deboche em relação às convenções sociais sem qualquer necessidade de justificar suas diferenças ou indiferenças por meio de

diagnósticos médicos ou de se desculpar por isso. O reconhecimento de si mesmo como um errante contumaz pode ser lido, hoje, como uma crítica a uma sociedade de aparências cujas exigências ele não faz questão de cumprir. Sua crítica parece um escárnio àqueles que se limitam a viver uma vida existencialmente insustentável, já que muitas características presentes no poema são intrínsecas à existência humana, mas cujos saberes e práticas exigidos na contemporaneidade negam e afastam determinados modos de existir.

Os *outsiders* do desempenho, esses que, por necessidade, vontade ou mesmo falta de oportunidades materiais, resistem ao enaltecimento de si mesmos e são refratários às receitas de alta performance, não se adéquam ou se negam a fazer parte dos espetáculos e cultos narcísicos da propagação da imagem positiva de si mesmos. Seja de forma deliberada, ou, para fazer referência a Dunker (2021), por se encontrarem em outro modo de funcionamento, por estarem em outro tempo e por não conseguirem fazer frente à lógica da produção e do consumo, eles são uma espécie de ofensa a si mesmos, aos familiares, a todos os outros e ao sistema.

Nesse sentido, as formas socialmente aceitas de existência contemporânea se limitam, de um modo ou de outro, ainda que muitas vezes sutilmente, à lógica meritocrática segundo a qual a posição social depende apenas da responsabilidade individual pelo próprio crescimento que vai separar os indivíduos considerados vencedores daqueles considerados perdedores. Isso significa que, como observa Sandel (2021, p. 22), numa sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo devem acreditar que “conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho”.

Enquanto o *outsider*, no entanto, renuncia à própria noção de sucesso, a internalização pelo *insider* da racionalidade competitiva que prioriza o máximo individualismo e o sucesso a todo custo gera um sofrimento que é também sofisticado, na medida em que ele muitas vezes não o percebe. Sua constituição como sujeito emancipado é mutilada pela divisão simplória entre sucesso e fracasso cujos respectivos pressupostos predizem apenas dois tipos de pessoas, uma que se encaixa e outra que está fora, uma cuja eficiência é normalizada e a outra que não é. Sua existência se funda na busca incessante por sucesso e só vislumbra uma única possibilidade: a do alcance do desempenho, da produtividade e do status social, sem os quais o

sucesso não pode acontecer e sem os quais ele poderia ser considerado um *outsider* por aqueles com os quais compete.

Mas para além daqueles *outsiders* que são indiferentes ou aqueles que se negam a aderir à cartilha neoliberal ou mesmo aqueles que não podem, por qualquer razão, aderir a ela, existem outros *outsiders* que se encontram à margem das possibilidades sociais e à margem de escolhas por onde seguir profissional ou politicamente. Trata-se dos “consumidores falhos” aos quais se referiu Bauman (1998, p. 24) por serem “incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos”. São esses os mais sujeitos não apenas às formas de precarização do trabalho, mas à total falta de trabalho. São também os que mais sofrem com as consequências da intensa ação humana predatória sobre a Terra, aqueles que, conforme observa Krenak (2020b, p. 70) constituem uma camada quase humana “que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos”. São esses “quase-humanos”, que constituem “milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta” e “por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida”. São aqueles que estão mais próximos ou percebem com mais intensidade o quão são vulneráveis, como aponta Butler (2021, p. 50), às “estruturas ambientais e sociais que tornam nossa vida possível e, quando elas fracassam, fracassamos também”, o que os expõe a uma “condição precária”. Isso implica dizer também que esses *outsiders* estão expostos às consequências de um neoliberalismo como expressão de uma necropolítica cujo termo cunhado por Mbembe (2016, p. 146) significa as inúmeras “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”.

### **Considerações finais**

A racionalidade neoliberal atravessa esse indivíduo que a ela se amolda e se deixa produzir como um *insider*, um empresário de si mesmo, resiliente e produtivo. Por outro lado, encontra-se o *outsider*, o indivíduo que foge a essa cartilha é visto como acomodado, aquele que permanece em sua “zona de conforto”, sinônimo de um indivíduo que eventualmente é considerado fracassado, por não se arriscar em outras atividades ou a trabalhar em



circunstâncias diversas daquelas que ele trabalha ou trabalhava anteriormente, como se a capacidade de sair da “zona de conforto” dissesse respeito somente a ele mesmo e não ao seu entorno, às políticas que estão sendo implementadas naquele mesmo contexto em que se encontra.

Pode-se dizer que esse grupo, entretanto, é menos homogêneo que o grupo dos *insiders*, já que o grupo dos *outsiders* pode compreender desde aqueles que se negam a sair de sua zona de conforto por uma série de questões, mas que se mantém em empregos e trabalhos razoavelmente dignos, até as populações marginalizadas, vítimas de guerra, refugiados climáticos, migrantes e populações em situação de rua, por exemplo, que sequer tiveram oportunidades mínimas de existência no contexto que em se encontram. Inúmeros indivíduos em adversas condições expostos muitas vezes em público por não terem mais seu espaço privado diante de um grupo cujo único interesse é a manutenção de seus interesses individuais.

Com base nisso, mais do que conclusões, surgem questões. Seria possível, a partir desses dois grandes grupos entre os quais há uma imensa variação de *outsiders* e *insiders*, definir qual seria a potência que eles têm de agir sobre as catástrofes climáticas e políticas da atualidade? Qual seria a consequência política de sua situação, de sua (in)ação pelo mundo? Tanto daqueles que estão dentro do jogo e cumprem a cartilha neoliberal quanto daqueles que se negam ou sequer têm a possibilidade de pensar a respeito disso? Qual a responsabilidade de todos que, de uma maneira ou de outra, estão envolvidos na mesma trama que é habitar o planeta? E qual a responsabilidade dos que estão em situação de vantagem e privilégio em relação aos demais?

## Referências

- ANTUNES, R. A sociedade da terceirização total. *Revista da ABET*, v. 14, n. 1, 2015.
- ANTUNES, R. *O continente do labor*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. M. Gama e C. Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Trad. M. L. X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BUTLER, J. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

- BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. M. Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUNKER, C. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- DUNKER, C. Depressão: 'Pessoas olham a própria vida como se fosse uma empresa a ser medida pelos resultados', diz psicanalista, 2021, *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56381902>
- EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Trad. P. F. Bendassolli. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- HAN, B.-C. *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Trad. G. S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Trad. E. P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HILÁRIO, L. C. Ascensão e colapso da razão instrumental neoliberal. *Revista Debates Insubmissos*. Caruaru, PE., Ano 3, v.3, n. 11, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/242808>.
- JOLY, C. A.; QUEIROZ, H. L. Pandemia, biodiversidade, mudanças globais e bem-estar humano. *Estudos avançados*, n. 34, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/5HvsTXYGTS5gzVFvfmKD7qS/?format=pdf&lang=pt>
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- LATOURE, B. *Onde estou? – Lições do confinamento para usos terrestres*. Trad. R. Azevedo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.
- LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. Trad. M. A. Marino e E. A. Camargo Santos. São Paulo: Politeia, 2017.
- MBEMBE, A. Necropolítica. In: BARTHOLOMEU, C.; TAVORA, M. L. (Org.) *Arte & ensaios*. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, n. 32. dez. 2016.
- MBEMBE, A. O direito universal à respiração. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>.
- PESSOA, F. Poema em Linha reta. In: Arquivo Pessoa. Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. Arquivo digital disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2224>.
- RIBEIRO, S. *Sonho manifesto: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANDEL, M. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Trad. B. Libanio. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SENNET, R. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. M. Santarrita. 16<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. Trad. C. Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Recebido em: 11-04-2023

Aprovado em: 23-09-2024

### **Simã Catarina de Lima Pinto**

Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Ética e Filosofia Política. Pós-graduada lato sensu em Filosofia Contemporânea e Direito Público pela PUC Minas. Faz parte do grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Dinâmicas Contemporâneas, inscrito no CNPq, na linha de pesquisa Perspectivas Não-Hegemônicas em Epistemologias, Políticas, Economia, Trabalho e Cultura. Atualmente, investiga questões contemporâneas em diálogo com a biopolítica, os mecanismos de controle, a racionalidade neoliberal, o trabalho e seus desdobramentos sócio-filosóficos.